

Em seus últimos dias de vida, Jacques Lacan era um homem triste, frágil e cansado. Era um velho.

Mas a morte jogou-o novamente no primeiro plano, obrigando a uma reapreciação do uso que fez da lingüística para a decifração de Freud.

Gilles Lapouge refaz a trajetória desse intelectual e recorda a curta, porém marcante, convivência que teve com

LACAN

Ele não realizava mais seminários. Depois de tanto barulho, tudo em torno dele era silêncio. Não era mais visto nas ruas de Sant Germain des Prés. Ou, quando se aventurava fora de casa, nestes últimos meses, não mais era aquele personagem suntuoso, o "magnífico", envolvido em peles, mas sim um homem triste, frágil, cansado, que caminhava lentamente arrastando os pés. Um velho.

Em torno dele os rumores ferviam: discípulos, inimigos e aduladores davam as notícias mais desencontradas sobre Lacan, como um telégrafo que assinalasse a posição de um navio perdido no Ártico ou, ao contrário, anunciasse que esse navio descobrira novas terras: "Ele está empenhado em um último combate, o mais perigoso de sua vida, está procurando formalizar a teoria psicanalítica através da matemática, e precisa de solidão", diziam uns — a que respondiam outros: "Ele está liquidado, não pode mais nem falar. Ficou louco, vai ser internado." E comentavam: "Belo símbolo, o mais célebre dos psicanalistas acabando sua vida em um hospício..." Ou ainda: "O clown, o bufão, o histrião chegou ao fim. Representou todos os seus números, fez-nos rir durante muito tempo, apaixonou-nos — mas era tudo vento. Seus bolsos agora estão vazios, não há mais pó, dentro deles, para que ele o atire nos nossos olhos. Hoje ele é apenas um acrobata que não consegue mais fazer seu número".

Eis que de repente o gênio, ou o liquidado, ou o acrobata, morre. E todo mundo se espanta. Sua morte surpreende. E, no entanto, Lacan era um homem muito velho, nascido em 1901, participe dos mais ativos do grupo surrealista, com Breton e Aragon, desde 1918. Mas a celebridade só chegou muito tarde, mais precisamente em 1966, quando ele já estava com 65 anos e decidiu-se a publicar seu primeiro livro, composto pelas aulas que dava em seu seminário, o *Écrits*, editado pelas Editions du Seuil. (Vale um parêntese: este homem que seus inimigos denunciavam como vaidoso, esperou chegar aos 65 anos para se colocar finalmente sob os refletores da publicidade).

É verdade que, antes de 1966, não é que Lacan fosse um ninguém: ele era conhecido, reverenciado e adulado, embora apenas por um restrito círculo de psicanalistas e filósofos. Os outros, o grande público culto sabia que existia e oficiava em Paris, há 30 anos, um personagem enigmático, fascinante, uma es-

pécie de xamã — Jacques Lacan — que distribuía o seu saber, um pouco à maneira de Sócrates, apenas por meio da palavra: um saber devastador, cortante, temível, graças ao qual a psicanálise, edulcorada pelas modificações da escola anglo-saxônica, pôde finalmente se transformar naquilo que Freud queria que ela fosse, "uma peste".

Foi durante esse longo período de segredos, sussurros e inconfidências que se forjou a lenda de Lacan, lenda que, a seguir, a partir de 1966, quando virou moda, transformou-se num verdadeiro câncer. Diga-se, aliás, que o próprio Lacan nada fez, jamais, para impedir sua proliferação. Estranhamente, desse homem, que se tornara uma vedete mundial há 15 anos, a rigor nada se sabia. Enquanto se conhecia tudo sobre Freud, sua família, sua infância, no que dizia respeito a Lacan estava-se na mais completa escuridão. Sabia-se apenas que ele nascera em Paris, de família rica, em 1901. Nos anos 20, jovem psiquiatra brilhante, interessava-se tanto pela poesia como pelas doenças mentais, convivendo ora com os loucos ora com os escritores surrealistas. Loucos ou, de preferência, loucas, já que Lacan tinha uma acentuada predileção pelo discurso delirante das mulheres, fossem elas místicas ou assassinas.

Sua tese inspira Salvador Dali e Genet

Sua tese em medicina, publicada em 1932, era sobre o "caso Aimée" — história das irmãs Papin, que inspirou Genet a escrever *As Criadas* (Les Bonnes). Uma tese sobre a "paranóia crítica" — e foi Lacan quem forneceu a Salvador Dali sua teoria da paranóia crítica.

Mas, com o correr dos anos, ele se afastou dos surrealistas e mergulhou no trabalho. Em 1936, em Rône, fez um discurso que se tornou célebre nos círculos especializados sobre o *Stade du Miroir* — o "estádio do espelho" —, no qual já se reconhecem todos os fundamentos do imenso edifício que erguerá mais tarde.

Ao mesmo tempo, trabalha muito, seja na prática clínica, seja através de encontros (Lacan conhece bem Georges Bataille, escritor maldito por excelência, reconhecido hoje, com quase meio século de atraso, como o espírito mais vio-

lento da literatura francesa de antes da guerra), seja, enfim, por seguir certos ensinamentos. A partir de 1936, e até 1939, ele assiste aos seminários dados em Paris por um homem igualmente desconhecido do grande público — e, ainda assim, segundo Heidegger, um dos mais poderosos filósofos do seu tempo, Alexandre Kojève.

Kojève, que morreu em maio de 1968, é, sozinho, já toda uma aventura. De origem russa, mas muito atraído pela filosofia alemã, chega a Berlim por volta de 1930. Lá, frequenta os cursos de alguns mestres como Husserl, mas cansa-se rapidamente e ei-lo, então, apátrida, em Paris, em 1936. Propõe a realização de um curso sobre Hegel, à época totalmente desconhecido em França. Dará esse curso durante três anos. E seus alunos serão Raymond Aron, Raymond Queneau, Georges Bataille, Maurice Merleau-Ponty, Alexandre Koyré — às vezes até André Breton — e Jacques Lacan. Depois da guerra Kojève abandonará a filosofia, tornando-se um dos melhores peritos franceses em economia e finanças, a eminência parda de todos os que tomam decisões em matéria financeira, inclusive os administradores de de Gaulle.

Mas voltemos a Lacan. Depois da guerra ele prossegue em seu trabalho, prático e teórico ao mesmo tempo. Realiza um seminário por semana, em Sainte Anne, um hospital psiquiátrico parisiense, assistido por médicos, psiquiatras, psicanalistas. Só que, com o tempo, sua personalidade torna-se pesada demais para as sapientíssimas instituições psicanalíticas francesas, e em 1964 dá-se a ruptura: Lacan deixa a instituição e funda sua própria escola, a Escola Freudiana de Paris.

Seus seminários são assistidos por uma multidão

A partir de 1966, inaugura-se um novo período. Primeiro com a publicação dos *Écrits*, fazendo com que Lacan seja louvado não só na França como nos meios cultos do mundo inteiro. Segundo, seu seminário muda de sede: do hospital de Sainte Anne vai para a Escola Normal Superior — o templo da cultura francesa — local de formação dos mais brilhantes intelectuais parisienses.

Os seminários de Lacan tornam-se,

a partir daí, um acontecimento ao mesmo tempo intelectual e mundano. São frequentados por uma multidão: jovens filósofos, psicanalistas — e senhoras do tipo chic, as dames cultivées.

Para conseguir lugar sentado é preciso chegar uma ou duas horas antes. Na assistência reconhecem-se com frequência nomes como Michel Foucault, Philippe Solers, escritores de vanguarda.

O mestre chega: entra caminhando devagar, instala-se cuidadosamente à sua mesa. Olha a sala vagamente, respira, suspira — como um atleta se concentrando — e começa a falar. Em uma voz inicialmente quase inaudível, aos arrancos, aos sussurros, faz paradas súbitas, hesita, gagueja. Com frases subitamente invertidas, leves, aéreas, uma rápida incursão pela filosofia de Hegel mais um jogo de palavras, uma grosseria inominável e um silêncio interminável — ele dá a impressão de que não conseguirá continuar nunca mais, calou-se para sempre, a platéia aguarda fascinada, corações batendo, respiração presa — e ele recomeça a falar, com doçura, fluência, o discurso sobe, sobe alto, e plana finalmente.

Nem há dúvida que tudo isso era composto, montado, como no teatro. Tudo improvisado, mas nada ao acaso. Tudo artifício — mas qual o orador que não é um homem de artifícios?

E somos forçados a reconhecer que Lacan foi o mais extraordinário mágico da palavra que já nos foi dado escutar.

Ao mesmo tempo, ele continuava a dirigir a Escola Freudiana de Paris, reunindo, agora, tudo o que havia de mais brilhante entre os psicanalistas franceses. Mas — e como em toda instituição psicanalítica — os dramas são constantes. Há expulsões, tempestades, brigas, e Lacan provoca, desafia, detestando e desprezando tanto os que o adulam da mais beatífica das maneiras como os que não se lhe submetem.

Aos poucos, em pequenos grupos, os psicanalistas vão saindo da Escola Freudiana, e outros os substituem — mas Lacan vai ficando amargo. Tem o sentimento, cada vez maior, de que sua palavra não é ouvida, que os seus ensinamentos terminam em malogro, e num belo dia de 1980, aos 79 anos de idade, estoura a novidade, chocante: Lacan resolveu dissolver a Escola Freudiana de Paris, o edifício mais importante de sua vida.

Pânico. Agitação. Insultos e denúncias. Há quem o ataque, há —

→ quem corre fileiras em torno do mestre. Ele fundará outra instituição, sem dúvida — mas a partir desse momento começa como que a apagar-se, deixa de ser visto, fala pouco, não reina mais, no interior da psicanálise, a não ser como uma ausência devorante, um vazio em torno do qual o ar turbilhona alucinadamente.

Depois, a morte. Esta é a carreira visível de um homem que faz parte da lenda parisiense desde 1968. Uma lenda, diríamos, histórica. Em que ele é vítima dos piores rumores. Lacan teria dado de presente um chicote de ouro à atriz Jeanne Moureaux. Teria insultado o embaixador francês em Roma. Teria... teria... Só que nenhum dos rumores se confirma.

A única coisa certa é que ele tem, realmente, caprichos de grande coquete, de "diva". Gosta, realmente, do perfume de escândalo, de provocação, que o acompanha sempre. É certo também que ele exige que os seus pacientes, seus analisandos, lhe paguem regamente, preços exorbitantes, por sessões que, dizem, são cada vez mais curtas — às vezes de apenas alguns minutos — em que, com frequência, ele não diz uma só palavra.

Circulam em Paris histórias sobre seu mau caráter, sua fatuidade, vaidade, orgulho, estranhas maneiras. Eu o conheci: e nele vi, apenas, sempre um homem muito simples, um homem que lutava, com uma coragem assombrosa, contra o enigma da psicanálise, um trabalhador encarniçado.

Conheci-o em 1966, quando publicou seus *Écrits*. Pedira-lhe uma entrevista para uma publicação semanal, *Le Figaro Littéraire*. Inicialmente ele me submeteu, por telefone, a uma espécie de pequeno exame, para ver se eu tinha algumas noções, ainda que vagas, sobre psicanálise. Ao que parece passei no exame, e ele me marcou encontro para uma das noites seguintes, às dez horas — estranha hora.

Chego, e encontro um personagem muito amável, muito cortês. Oferece-me charutos e whisky, e pede-me que lhe faça minhas perguntas. Ouve atentamente, a cabeça inclinada. Suspira profundamente, e começa a responder. Utilizando a linguagem mais simples, mais clara do mundo, nada tendo em comum com a prosa preciosa, à la Mallarmé, erudita, dos *Écrits*.

Fala durante muito tempo. Já são quatro horas da manhã quando ele me acompanha até a porta do seu prédio. Revi-o oito dias mais tarde, para alguns esclarecimentos. De noite, novamente, e por volta da meia-noite ele me propôs que fôssemos a um restaurante, para jantar.

Encontrei-o mais duas vezes, e jamais sua gentileza, seu respeito pelo outro foram desmentidos. Mas ele tinha realmente manias, destinadas sem dúvida a alimentar a lenda. Uma manhã, por exemplo, às seis horas, meu telefone tocou. E era o doutor Lacan, me contando uma história sem grande interesse, e absolutamente não urgente.

Quanto às suas teorias, seria uma impertinência tentar resumí-las.

A teoria lacaniana foi elaborada ao longo de 30 ou 40 anos de prática clínica e de reflexão teórica sobre essa prática, complicada ao máximo, sofisticada ao último grau, fazendo referência a toda a cultura do mundo, desde a História e a mitologia, a poesia e a pintura, até Hegel, Kant ou Sade e às

formas mais áridas da matemática moderna, sem esquecer a etnologia, a lingüística, e todos os recursos daquilo a que chamamos retórica.

Assim, vamos nos limitar a indicar, de um lado, o que essa teoria não é, e, de outro, qual o eixo, a espinha dorsal dessa teoria. Primeiro poderíamos ser levados a acreditar que um homem tão cheio de som e fúria, provocador, iconoclasta, tivesse virado as costas ao "pai" fundador, a Freud. Pois nada disso: Lacan nunca mudou. O que ele pretendeu foi um "retorno a Freud". Empenhou-se em sua leitura, com cuidados ciumentos, meticulosos, sem em momento algum traí-lo — ou, pelo menos, sem ter o sentimento de traí-lo.

Poderíamos compará-lo, se quiséssemos, a Lutero, o fundador do protestantismo, que quis efetuar um "retorno aos Evangelhos", libertando-os da ferrugem que lhes fora acrescentada pela Igreja de Roma. Assim fazendo, Lacan visava especialmente dois desvios do discurso freudiano: de uma parte, o desvio pela hermenêutica religiosa, efetuado por Jung e seus discípulos, e, de outra, o esmaecimento sofrido pela psicanálise, ao atravessar o Atlântico, reduzindo-se de ano em ano, cada vez mais, a uma simples psicoterapia, e ao esforço de meramente "normalizar" os doentes, tornando-os aptos a ocupar seu lugar na sociedade, a funcionar, a produzir.

Lacan estava tão longe dessas práticas que sequer ousava dizer que o tratamento psicanalítico destinava-se a curar. O tratamento, para ele, destinava-se muito mais a fazer com que o paciente "reentrasse em sua própria casa", ou seja, restabelecesse as comunicações cortadas entre o consciente e o inconsciente, sem nem por isso ser obrigado a descobrir, forçosamente, a "serenidade" ou a "felicidade", palavras que não faziam parte do seu vocabulário.

A palavra-chave para ele era "verdade", ainda que essa verdade fosse devastadora, cáustica, impiedosa.

Segundo erro a não cometer: fazer de Lacan um filósofo. Em 1966 e nos anos seguintes, no auge da glória, ele tornou-se um mago, um mestre-pensador — e houve quem quisesse içá-lo às alturas dos antigos mestres, particularmente ao lugar de Sartre, exigindo-lhe portanto uma filosofia, uma metafísica. Tentação de que ele se defendeu com horror. Clínico e teórico, sim. Filósofo nunca.

Ele é um homem de ciência, dessa ciência que é, segundo ele, a psicanálise de Freud — e é precisamente o estatuto científico dessa psicanálise que ele quer estabelecer em sua obra. Não há dúvida que o seu discurso é sobrearregado de filosofia, e que inspira os filósofos — mas este é um efeito secundário, indireto, pelo qual Lacan se recusa definitivamente a se interessar.

Portanto, a idéia é conferir à psicanálise o estatuto de ciência. E é aqui que intervém o uso da lingüística — que também passou a ser ciência, desde os trabalhos de Saussure — uma ciência-serva, se assim quisermos, fiadora e tela de fundo da ciência psicanalítica. E como é que a lingüística entra nisso?

Lacan volta a Freud, mas lê-o com óculos que não existiam no seu tempo, os óculos da lingüística, fundada por Saussure precisamente com base em Freud. Para Lacan, Freud não descobriu o inconsciente: os homens já o haviam reconhecido há centenas de anos. Basta

pensar nas pítias, na mitologia, em Hamlet, Leonardo da Vinci, Sófocles. Os homens sabiam que por baixo do pensamento coerente, "acordado", estendem-se imensos arquipélagos submersos, censurados, que formam o inconsciente. Onde, Freud não descobriu o inconsciente: aprendeu somente a escutá-lo, a decifrá-lo.

Lacan costumava fazer uma bela comparação: antes que Champollion, no começo do século XIX, decifrasse os hieróglifos egípcios, os hieróglifos já estavam lá há muito tempo. E falavam — só que ninguém entendia o que eles diziam. Champollion encontrou a chave, e, de súbito, toda a antiguidade egípcia nos foi devolvida.

Freud fez o mesmo, e a comparação vai ainda mais longe, já que o seu golpe de gênio segue exatamente o mesmo método do golpe de gênio de Champollion. Antigamente, quando se capturava uma palavra do inconsciente, uma imagem de um sonho, por exemplo, procurava-se compreender o sentido daquela palavra, daquela imagem. Da mesma forma, antes de Champollion, procurava-se compreender o sentido isolado de cada desenho de uma tábua egípcia — um íbis, por exemplo, ou uma balança — e não se chegava a uma parte alguma.

Champollion teve a idéia de interpretar a série dos símbolos, sua sequência, seu inter-relacionamento, sua ordem, por ter compreendido que um símbolo nada quer dizer se retirado da cadeia signifi- cante. Para traduzir uma língua desconhecida ele usou não um dicionário, mas uma gramática e uma sintaxe. Freud fez o mesmo: e trabalhou sobre todo o sonho, ou todo o discurso do in-

organizam umas em relação às outras, se entrecruzam. Em suma: ele examina não mais o discurso palavra por palavra, mas em sua estrutura completa. E traduz esse discurso como se traduz um texto do grego ou do latim, reencontrando sua sintaxe e sua gramática.

Assim fazendo, Freud descobriu que esse discurso do inconsciente, longe de ser desorganizado, incoerente, anárquico, obedecia a leis rigorosas, estáveis, permanentes — leis precisamente iguais às da linguagem consciente, só que "disfarçadas" pela censura. O que nos leva a pensar na censura no domínio político.

Um regime tirânico decre-

consciente, observando como cada uma das suas diferentes secções, suas imagens sucessivas, se



→ ta a censura. Que se passa então? Todo o discurso do país é cortado, proibido. Ainda assim, não se interromperá, não parará. O país continua a falar, mas clandestinamente, como o inconsciente, apesar da tirania do consciente, que continua a falar "sob" o discurso oficial (o discurso consciente, no caso do indivíduo, o discurso do senhor, no caso da ditadura). E fala de modo que o tirano não o entenda, disfarçando-o.

Um jornalista, por exemplo, em lugar de denunciar claramente esta ou aquela prática, vai fazê-lo por meio de um símbolo complexo. O mesmo para o indivíduo: um desejo sexual me atormenta, por exemplo, mas minha formação, minha educação, impedem-me de falar nele, e até de reconhecê-lo. Assim, o desejo não desaparece, mas vai expressar-se em linguagem camuflada, clandestina, incompreensível.

A psicanálise é portanto a arte de descobrir as leis que esse desejo utilizado para se manifestar sem se traír — leis que são as mesmas que as da nossa linguagem quando acordados, com sua gramática e sua sintaxe, mas torcidas, disfarçadas.

Lacan dá muitos exemplos desse decifrar-se, mostrando, por exemplo, que formações bem conhecidas do sonho, a que chamamos "condensação", seguem exatamente as mesmas regras das formas de retórica, a metonímia, a metáfora, etc. Assim, pela primeira vez, com Freud, os hieróglifos do inconsciente podem ser lidos. Pela primeira vez, o formidável Egito antigo que cada um de nós guarda no inconsciente torna-se perceptível, pode ser ouvido, e conseguimos pôr-nos em comunicação com esse território submerso.

A tudo isso faz-se uma objeção: isto é Lacan. Não pode ser Freud, já que as leis da lingüística que Lacan aplica para decifrar o inconsciente eram ignoradas na época de Freud. "Prova — retruca Lacan — da genialidade de Freud. A lingüística ainda nem existia e ele já forjara um instrumento de decodificação que só podia funcionar com a lingüística! Profético, Freud estava muito à frente de todos os outros — mas foi preciso a lingüística para que pudéssemos apreciar e utilizar plenamente a revolução copernicana que ele realizou." E Lacan costumava acrescentar ainda que todos os textos de Freud, se lidos com atenção, mostrariam um combate áspero, violento, com a linguagem.

O que é rigorosamente verdade. Basta citar, por exemplo, a importância dada por Freud ao calembur (refúgio privilegiado do discurso do inconsciente), ao trocadilho, ao lapso, ao ato falho, etc. E, enfim, o que é realmente a cura psicanalítica de Freud? Uma cura da linguagem pela linguagem. O paciente fala. O psicanalista escuta, decifra esta ou aquela palavra. Decifra o discurso. Do começo ao fim, a psicanálise é questão de linguagem.

Claro que esse nosso resumo é indigente. Reduz e empobrece terrivelmente o texto de Lacan — mas não nos é possível ir além disso. Teríamos de introduzir aqui muitas outras noções: o estágio do espelho, as três instâncias do real, do simbólico e do imaginário, o objeto pequeno, o outro. Mas tudo isso é de um tal refinamento, de uma complexidade tão vertiginosa, que não é possível incluí-lo em um artigo de jornal. Falta só afirmar que tudo se deriva dessa constatação original: "O incons-

ciente é estruturado como uma linguagem".

A psicanálise permite traduzir o discurso do inconsciente, para rearticulá-lo o indivíduo sobre essa radical dele mesmo que é, inconsciente, a fim de reintegrar sua própria verdade.

Esta palavra — "verdade" — retorna de maneira obsessiva, em Lacan. O que até surpreende. Como se houvesse uma verdade, como se, admitindo que a verdade existe, o espírito do homem pudesse capturá-la, subjugá-la. Mas a força de Lacan consiste exatamente em fazer, de uma impossibilidade, um formidável trampolim teórico para ir mais longe. Assim, com a noção de "verdade", com a qual ele se exhibe "como um pavão", segundo os seus inimigos, ou "como um homem em busca do Santo Graal", segundo os admiradores.

O homem é um ser fabricado pela linguagem

Há três anos, aproximadamente, a televisão francesa, não sem coragem, emprestou suas câmeras a Lacan. E vimo-lo, então, na pequena tela. Suas primeiras palavras foram: "Eu digo sempre a verdade". Os espectadores prenderam a respiração. Quem era, afinal, aquele pretensioso, aquele homem que avançava, tocha flamante na mão, usando a linguagem de um profeta, ou de um deus?

"Eu sou a verdade." E, depois de um silêncio, "mas não toda a verdade, porque não é possível dizê-la toda. Falta-nos as palavras. E é exatamente por causa dessa impossibilidade que a verdade se torna verdadeira".

Perfeito: em três frases cintilantes, ele disse tudo: que o homem é um ser da linguagem, um ser fabricado pela linguagem e fabricante de linguagem, mas que a linguagem é impotente para revelar a totalidade do mundo, e que é desta falha, deste abismo que separa as palavras e as coisas, que o real emerge. A isso acrescentaremos que essa tentativa sacode os fundamentos de toda a filosofia, portanto do ser, do Ocidente.

Formalizar o inconsciente segundo a matemática

Freud, repetido ou explicado por Lacan, opera um putsch filosófico, um golpe de Estado. "Descentraliza" o "eu" cartesiano. Abole a fórmula real, fundadora do Ocidente, o "Penso, logo existo", de Descartes. Com Descartes o homem só é pensando, e pensa a partir do centro de si mesmo. Com Lacan e Freud tudo isso é dilapidado, tudo é jogado para o alto. Não podemos mais dizer hoje em dia "Penso, logo existo", mas, mais dramaticamente — e aqui deixamos o texto em francês —, "Je pense où je ne suis pas, je suis où je ne pense pas", frase em que a palavra *où*, com seu acento grave, passa a significar advérbio de lugar — onde — e não a alternativa ou, do famoso "Ser ou não ser". O que traduz, em outros termos, a ruptura, o corte, a separação que corta cada um de nós entre essas duas instâncias, radicalmente estrangeiras uma a outra, mas influenciando-se mutuamente, que são o "consciente" e o "inconsciente".

E percebemos assim as convergências, os encontros passíveis de serem anotados entre o pensamento de Freud

Lacan e o de outros mestres das ciências humanas, Levi-Strauss ou Michel Foucault, que também anunciam o fim do homem, a morte do homem — pelo menos no mundo ocidental —, do "eu" cartesiano.

Mas não prolonguemos demasiadamente as considerações filosóficas que o próprio Lacan negligencia, ainda que elas alimentem há dez anos as mais vivas reflexões francesas. Voltemos, antes, a essa existência em parte clownesca e infatuada, de outra. É a única que nos interessa reter, genial, patética e heróica. Pois que, se a genialidade de Lacan é desde já irreversível, se ele já pertence à história da cultura, ainda que só por causa das rupturas, das descobertas que o seu discurso obscuro e soberbo causou nas gerações de homens de 20 a 40 anos, foi ao preço de um trabalho desesperado, de um combate mortal que Lacan o fez.

Já quase no fim da vida, esse incorrigível viajante quis ir ainda mais longe em sua formalização. O modelo lingüístico não mais lhe parecia suficientemente sutil ou rigoroso para dar conta dos meandros do discurso do inconsciente, e ele passou a formalizar o inconsciente segundo o modelo matemático. Lacan já estava velho, e sobretudo cansado. Seus seminários eram dados cada vez com mais dificuldade. Continuavam sendo seguidos por um núcleo de fiéis, mas nada que se comparasse às multidões extasiadas dos anos 70.

Não assisti a nenhum deles, mas ouvi repercussões. Agora, Lacan subia ao estrado, desenhava em um quadro-negro gráficos, fórmulas matemáticas de uma aridez cada vez mais austera. Já não falava quase, ficava por muito tempo parado diante dos seus gráficos como que paralisado ou fulminado, tentando avançar, compreender as suas próprias fórmulas, e às vezes — nem sempre — o discurso renascia, soberbo como antes — e depois ele tornava a se calar. As vezes, segundo me disseram, durante toda uma longa sessão sequer uma palavra era dita.

Além disso, ele levava sempre nos bolsos cordões de cores diferentes, com os quais montava modelos matemáticos que deveriam reproduzir a topologia do discurso do inconsciente. Mas também com os cordões ele se embaraçava — e uma vez, até, segundo me contou um dos seus mais fiéis adeptos, em um dos últimos seminários que realizou, até com os gráficos ele se atrapalhou, não sabia mais o que pretendia, e lá ficou, mudo, vencido, desfeito. A reação dos seus alunos, espontânea, comovida, foi assegurar-lhe: "Nós o amamos, o amamos muito".

Lacan: talvez, realmente, um homem cheio de traços contestáveis. De um orgulho provavelmente exagerado, como sua violência e seu gosto pelas disputas — mas o gênio é sempre exigente, o gênio é um devorador. E, de qualquer modo, o que desejaríamos guardar disso tudo, no momento em que a sua imensa voz, às vezes balbuciante, se calou para sempre, é a imagem de um velho frágil, que perdeu toda a soberba, parado diante de um quadro-negro com seus cordões coloridos, como uma criança que esqueceu a resposta. Um velho imperador, não decaído, porque ninguém foi mais longe do que ele — mas vencido pelo seu próprio gênio, a quem tudo o que os alunos encontraram para dizer, no fim, foi que o amavam.

